

## ROSALINA, A FADA DO PINHÉM

Nilce Sant'Anna Martins\*

RESUMO: Este artigo trata do lirismo de Guimarães Rosa que se volta para a idealização e sentimentalismo característicos dos contos de fada. Focaliza-se particularmente a personagem dona Rosalina, do romance "A estória de Lélío e Lina", do livro *No Urubuquaquá, no Pinhém*, velhinha de raras qualidades, cujas falas são impregnadas de poesia e sabedoria. O seu relacionamento com um moço vaqueiro, que, ao encontrá-la pela primeira vez, já se sente atraído pelos seus poderes incomuns, é mostrado como belíssimo caso de profunda afeição entre uma anciã e um jovem.

UNITERMOS: Lirismo; amor e amizade; velhice e juventude; vida rural; natureza.

A obra de Guimarães Rosa oferece notável variedade de aspectos: líricos, épicos, dramáticos, sociais, psicológicos, filosóficos, humorísticos, folclóricos, documentais, sem falar na minuciosa elaboração estilística, marca de todos os seus textos. Abordarei alguns fatos do aspecto lírico, que pode ser o predominante de um texto ou entremear-se em narrativas de outra natureza. O lirismo rosiano abrange a visão poética da natureza e a ênfase no lado sentimental das personagens. Em certas estórias breves o teor sentimental se entrelaça a uma idealização característica de contos de fada. Entre essas podem ser citados os contos breves "Seqüência" e "Substância", de *Primeiras Estórias* e "Arroio-das-Antas", de *Tutaméia*, verdadeiras filigranas de prosa poética.

No primeiro, um rapaz sai em busca de uma vaca fugida, através de árduo e incerto percurso, e, de certo ponto em diante, é impelido mais por uma força estranha do que pelo desejo de recuperar o animal. Chega, por fim a uma fazenda, onde encontra a jovem que lhe estava destinada, a "moça alta, alva, amável", que "se desescondia dele", revelando-se como a amada de sua vida. O "mel do maravilho-so" os envolve num amor súbito e inelutável<sup>1</sup>.

Em "Substância", Maria Exita, uma menina pobrezinha, "historiada de desgraças", filha de uma mulher leviana e de um leproso, vai ter, pelas mãos de uma

\* Professora do Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas - FFLCH/USP.

1. ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 3. ed., Rio de Janeiro, J. Olympio, 1967. p. 64-9.

velha bondosa, à Fazenda do Samburá, onde é incumbida do penoso trabalho de quebrar duros blocos de polvilho, de “implacável brancura”, que ofuscavam as vistas à luz do sol. E eis que um dia, o rapaz que herdara a fazenda e se dedicava com afã a produzir o melhor polvilho da região, a vê “no pino do meio-dia de um sol do qual passarinho fugiu”, sentadinha num pequeno banco, a exercer, serena, contentinha, o seu áspero mister. O jovem se sente cativado pela sua imagem: “tão linda, clara, certa - de avivada carnação e airosa - uma iazinha, moça feita em cachoeira”. Por algum tempo a razão e o sentimento ficam em conflito em seu íntimo, mas por fim, se decide e lhe pede: “Você, Maria, quererá, a gente, nós dois, nunca precisar de se separar? Você comigo, vem e vai?” E ela, desatando em sorriso responde sem vacilar: “vou demais”. E o poema se encerra: “Só o um-e-outra, um em-si-juntos, o viver em ponto sem parar, coraçõemente: pensamento, pensamor. Alvor. Avançavam parados, dentro da luz, como se fosse no dia de Todos os Pássaros<sup>2</sup>. (PE, p. 150-1).

A cinderela de “Arroio-das-Antas”, Drizilda, foi também, logo cedo, marcada pela desgraça. Com menos de quinze anos, era já viúva: “o irmão matara-lhe o marido, irregado, revel, que a desdenhava”. Vai então viver num povoado perdido no sertão, com três velhinhas santas, “secas velhinhas tristilendas”, que a recebem com todo o carinho e passam a ter por ela o maior enlevo. Diziam-na o “seu cravinho branco e, de vê-la borrar, doiam-se, passarinho na muda, flor que se fana”. E ela lhes retribuía os cuidados, “maternal com suas velhinhas custódias, menina amante: a vovozinha...” Mas eis que, no enterro de uma das velhinhas, que morrera de penitências, caminhando Drizilda, com a engrinaldada cruz, à frente do pequeno cortejo fúnebre, desponta na estrada um jovem cavaleiro, que o milagre rogado pelas velhinhas trazia para sua protegida. Descendo do cavalo, ele “senhorizou-se: olhos de dar, de lado a mão feito a fazer carícia - sorria, dono. Nada, senão que a queria e amava, trespassava-se de sua vista e presença. Ela percebeu-o puramente, levantou a beleza do rosto, refluor. Ia. E disse altinho um segredo: - ‘Sim’”<sup>3</sup>.

Nessas estórias, transborda o pendor do escritor para o surpreendente, o ilógico, o sobrenatural, o “milmaravilhoso”. A vida, que é inexplicável, imprevisível, é bafejada, às vezes, por milagres e a crença na possibilidade do milagre alimenta a esperança, justifica o desejo de viver.

“A estória de Lélío e Lina”<sup>4</sup> (UP, p. 131-246) não é um conto de fadas, mas um romance, segundo a classificação do próprio autor, mas há nele uma personagem que parece saída dos contos de fadas: pela sua simpatia, bondade, graça, encanto e sabedoria, dona Rosalina bem merece a qualificação da fada boa<sup>5</sup>.

Pinhém é uma grande fazenda de criação de gado, em que os proprietários, os vaqueiros e suas famílias e outros agregados constituem uma comunidade bem

2. *Idem, ibidem*. p. 150-1.

3. *Idem. Tutamêta. Terceiras estórias*. 5. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979. p. 172.

4. *Idem. No Urubuquaquá, no Pinhém*. 6. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1978. p.131-246.

5. A meu ver, é ela a velha mais encantadora da nossa literatura, ganhando mesmo da dona Carmo, de Machado de Assis (*Esaú e Jacó*). Dona Carmo é bondosa, simpática, sensata, muito humana, mas não tem a jovialidade, o charme, o gosto de viver e a sabedoria poética de dona Rosalina.

integrada, vivendo o seu cotidiano de trabalho e lazer, com amizades e desentendimentos, alegrias e desgostos, acidentes, doenças e mortes. Aí se encontra o estilo de vida das propriedades rurais mais abastadas de Minas Gerais, em décadas passadas.

A estória tem início quando lá chega o jovem vaqueiro Lélío, em busca de serviço, sendo logo aceito pela boa impressão que causa. Seo Sencler, o fazendeiro, “gostou do em-ser do vaqueirinho, do rumo de suas respostas” e o capataz Aristó deu-lhe seu parecer favorável, pois conhecia a fama de vaqueiro do pai do recém-chegado. Assim, Lélío incorpora-se ao elenco dos trabalhadores, que o acolhem com camaradagem; dia a dia vai-se familiarizando com o novo ambiente, afazendo-se às lides com o gado, mostrando suas qualidades de vaqueiro hábil e corajoso em tarefas por vezes difíceis e perigosas.

Nas horas de lazer, seu pensamento se volta sempre para a mocinha Sinhá-Linda, que conhecera em Paracatu, quando estava a caminho do Pinhém, e cuja companhia, ainda que um pouco distante, tivera em trecho de sua viagem. “Ela era toda pequenina, brancaflor, desajeitadinha, garbosinha, escorregosa de ver” (p. 138). E “os olhos dela rebrilhavam reproduzindo folha de faca nova” (p. 140). Mas ela não dera a Lélío a felicidade de corresponder às suas atenções. Ao vê-la, sentiu que para merecê-la “precisasse de repente de se ser no pino de bonito, de forçoso, de rico, grande demais em vantagens, mais do que um homem, da ponta do bico da bota até o tope do chapéu” (p. 139). Sabendo embora que nunca mais iria revê-la, Lélío não conseguia esquecer-la, “pensava nela, assim só como se estivesse rezando” (p. 142). Mas “a lembrança dela queimava, às vezes, em alma, uma tatarana lagartearse” (p. 160). “Aquela mocinha tinha sido na vida dele que nem um beija-flor que entra por uma janela, sai por outra, chicotinho verde e todas as cores no ar, que a gente nem bem viu” (p. 168).

E Lélío vai conhecendo as moças da fazenda, em tentativas de namoro com pouco sucesso. E, certo dia, voltando do trabalho com o companheiro Tomé Cássio, pára um instante na casa deste para tomar água. Vê, então, sentada na porta da casinha, a Jini, amásia do Tomé, mulher de fortíssima atração. “A gente ia vendo e levava um choque. Era nova, muito firme, uma mulata cor de violeta. A boca vivia um riso mordido, aqueles dentes que de brancos aumentavam. Aí os olhos, enormes, verdes, verdes, que manchavam a gente de verde, que pediam orvalho” (p. 156). Lélío procura resistir à paixão, mas “o figuro da mulatinha cor de violeta mandava em todas as partes onde batia o seu sangue, aumentava o volume de seu corpo” (p. 164). Mais tarde, o Tomé, que vinha tendo horríveis brigas com a companheira, resolve abandoná-la e ir embora do Pinhém. Lélío vive por certo tempo o fogo de um amor, puramente carnal, que termina com a traição da Jini, “que era fruta de beira de estrada, pendurada em ponta de galho” (p. 196).

Apresentemos agora a dona Rosalina. Certo dia, andando meio a esmo, insatisfeito com a sua vida afetiva, Lélío vê uma mulher, de costas, agachada a pegar alguma coisa do chão, e como a falar consigo mesma, “numa voz diferente de mil, salteando com uma força de sossego”. Ela se ergue e ele vê “riso, brilho, uns olhos - - que tivessem de chorar, de alegria só era que podiam...” (p. 179). E era uma

velhinha, uma senhora de cabelos brancos, que começa a conversar com o moço com naturalidade e doçura. Ele se oferece a carregar o feixinho de lenha que ela catara e ela o convida a chegar a sua casa. Lélío se sente como “o rapazinho da estória: que encontrava uma velha na estrada, e ajudava-a a pôr o atilho de lenha às costas, e nem sabia quem ela era, nem que tinha poderes...” (p. 180). Está cativado: “era uma velhice contravinda em gentil e singular - comum calor de dentro, a voz que pegava, o aceso rideiro dos olhos, o apanho do corpo, a vontade medida de movimentos - que a gente a queria imaginar quando moça, seu vivido. Velhinha como uma flor” (p. 181). Dona Rosalina logo passa a chamar Lélío de “meu Mocinho”; conta-lhe passos de sua vida, expondo, conforme calhava, suas idéias e modo de ver as coisas. Dizendo Lélío que ela era uma santa, ela replica que se não foi santa, também nunca deixou de ser respeitada. Teve uma rica vida sentimental, amou e foi amada por vários homens e teve um filho, o Alípio, que estava bem de vida e lhe mandava dinheiro e mantimentos. Entretanto não moravam juntos, por não haver bom entendimento entre sogra e nora. O que dona Rosalina não conta é como terminaram seus casamentos ou episódios de amor, se por morte, rompimento, abandono, força das circunstâncias, o que se conclui é que de nenhum ela guardou mágoa, rancor, arrependimento. Não acusa nem censura ninguém e parece que a felicidade que ela gozou foi maior que a tristeza posterior. Ela parecia incapaz de queixas e não sente amargor pela velhice: “Um dia você ainda vai ver, meu Mocinho: coração não envelhece, só vai ficando estorvado... Como o ipê: volta a flor antes da folha” (p. 182). E, até com certo tom poético-realista, considera: “Já fui mesmo rosa. Não pude ser mais tempo, ninguém pode. Estou na desflor. Mas estas mãos já foram muito beijadas. De seda... Depois, fui vendo que o tempo mudava, não estive querendo ser como a coruja - de tardinha não se voa...” (p. 183).

A conversa de dona Rosalina, sempre atraente para seu enlevado interlocutor, era bastante variada. Falava de Deus, “como se Deus estivesse nem muito longe, nem perto demais” (p. 182). Comentava o jeito de ser, as características de cada vaqueiro, como observadora interessada e psicóloga intuitiva. Quando Lélío pergunta como ele era, ela responde com uma metáfora um pouco enigmática: “De você eu gosto demais, para saber, meu Mocinho. Você é o sol - mas só o sol mesmo é que nuvem pode prejudicar ...” E lamenta o desencontro deles no tempo: “Ou fui eu que nasci de mais cedo, ou você nasceu tarde demais” (p. 183).

Conhecedora da alma humana - “ela rastreava a alma da gente com o quite do olhar” (p. 216) - experiente do amor, dona Rosalina é confidente e conselheira de vários jovens, interpreta suas reações e sentimentos, prevê o que pode dar certo ou não, procura ajudá-los discretamente. “A ela um podia perguntar o que quisesse: a voz da Velhinha nunca se espantava” (p. 229). O amor, que pode trazer felicidade ou sofrimento, “é a espécie rara de se achar”, um sentimento que não se subordina à vontade: querer impedir ou esquecer um amor é como “mandar o capim esbarrar de crescer”. E mais: “Juízo e amor juntos é coisa demais, e amar por amar talvez

seja melhor amar mais alto" (p. 238).

Dona Rosalina queria ver as pessoas felizes. "Alegria tinha de ser chamada à força. Era preciso chamar a alegria, como se chama a chuva, na desgraça de uma seca demorada" (p. 222)<sup>6</sup>.

Compreensiva, dotada de espírito superior, dona Rosalina se mostra isenta de falsos moralismos. Como o vaqueiro Canuto não quisesse mais casar com a namorada Manuela, quando soube que ela não era virgem, a velhinha censura a falta de cabimento de o Canuto "querer primazias" e defende a Manuela, "uma moça boa, saudável e leal", que tivera a franqueza de contar ao namorado o passo que tivera com outro. Conta também a Lélío que tivera duas irmãs: "uma foi para o convento, viveu e morreu como santa; a outra moçou, dizem que não houve rapariga que fosse mais dos homens" (p. 216). Quanto a ela ficou mais ou menos no meio e não censura a irmã que se prostituiu, por ter sido boa ao dedicar-se afetuosamente aos homens que a ela se chegavam. E relembra para o jovem o caso de Maria Madalena, a quem Jesus perdoou e fez santa porque foi capaz de muito amor.

Dona Rosalina mostra-se também compreensiva em relação à Conceição e à Tomásia, as "Tias", duas mulheres trabalhadeiras, saudáveis que lavavam a roupa dos donos da fazenda e de outras pessoas, e aos domingos supriam as necessidades sexuais masculinas, com o gosto de dar-se, de servir sem nenhuma recompensa, a não ser um ou outro presentinho. Quando Lélío se mostra vexado por ter estado com as "Tias", dona Rosalina lhe fala, procurando livrá-lo do sentimento de culpa: "Ora, meu Mocinho, você é homem, carece. Elas são pessoas. Mas deve de não ficar atormentando a cabeça, depois, porque foi lá" (p. 194).

A amizade entre Lélío e Rosalina, exemplo raro de afeição entre um jovem e uma velha, se afirma sempre mais, e o filho Alípio não é capaz de compreendê-la. Chega a levantar a suspeita de que Lélío seja filho natural da senhora e quer até proibir que ele continue a freqüentar-lhe a casa. Ela, embora contrariada e aborrecida, não se deixa abalar, pois "era mais forte que a tristeza", e diz a Lélío: "Nós vamos somar com o que ele acha de imperiar" (p. 241). Vemos assim que o filho do sangue não soube ter pela mãe o carinho, o afeto, a admiração estremecida que o filho de adoção viera a dar-lhe.

A vida na fazenda vai fluindo, na sucessão de eventos bons e maus. No Natal, pouco antes de os fazendeiros, seo Sencler e dona Rute, deixarem a propriedade,

6. Este pensamento de que é preciso cultivar a alegria, buscá-la em todas as circunstâncias, é expresso em várias obras de Guimarães Rosa; em *Grande sertão: veredas*, ed. cit., diz Riobaldo: "Deus é alegria e coragem" (p. 232). "O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre, a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito - por coragem" (p. 241-2). Em "Campo Geral", (*In: Manuelzão e Miguilim*, 5. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962, p. 77) o Dito, muito doente, com tétano, a boca mal se abrindo, ainda diz: - "Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda a coisa ruim que acontece, acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!... (p. 77). Tais palavras, que parecem impossíveis na fala de uma criança, revelam, talvez, o menino como um santinho, que pouco depois já não será deste mundo.

vendida por força de dívidas, houve uma grande festa: jantar oferecido a todos os moradores, música, dança, cantoria; nesta domina o vaqueiro Pernambuco que, entre muitas trovas improvisadas para homenagear os presentes, canta para dona Rosalina: “- Vi o coração do campo,/ vi o rastro do luar;/ vejo dona Rosalina,/ mas nem posso comparar”. Toda elegante num vestido preto, os cabelos alvinhos muito bem arranjados, dona Rosalina expande a sua jovialidade, sem exibicionismo e espalhafato. Dança uma mazurca com Lélío, que, muito honrado, considera essa dança como uma arte de religião. Leve, delicada, ela parecia mesmo uma dama de salão, “senhora de serenim”.

Descontente com seus desacertos amorosos - a paixão desastrosa com a Jini, a impossibilidade de acerto de namoro para casamento com a Manuela ou com a Martinha, “uma sim-senhorinha de bonita”, apaixonada pelo patrão, Lélío sente vontade de deixar o Pinhém.

“Ia embora. Então, por que ainda não tinha ido? Por muito tempo, o motivo, não soubera explicar. Mas, agora, sabia. Que ali tinha uma pessoa, que ele só a custo de desgosto podia largar, triste rumo de entrar pelo resto da vida. Assaz essa pessoa era dona Rosalina. Desde aquele ano todo, quase dia com dia, se acostumara a buscar a bondade dela, os cuidados e carinho, os conselhos em belas palavras que formavam o pensar por caminhos novos, e que voltavam à lembrança nas horas em que a gente precisava. Sua voz sabia esperanças e sossego. Às vezes, olhado por aqueles olhos, homem destremia da banzeira da vida, se livrava de qualquer arrocho e ria de si mesmo um pouco, respirando mais. Assim dona Rosalina tinha gostado dele, como mãe gosta de um filho: orvalho de resflor, valia que não se mede nem se pede - se recebe” (p. 191).

Comunicando esse desejo a dona Rosalina, ela o aconselha, conforme sua crença no destino: “Vai, meu Mocinho. Chegou o de ir. Não por fuga, nem por canseira daqui, nem por medo. Mas, o que eu sei, e seu coração sabe, é que a razão da vida é grande demais, e algum outro lugar deve estar esperando por você” (p. 243).

Mas Lélío não está satisfeito em partir, afastando-se de sua mãe-fada. Insinuando ela o desejo de ir com ele para uma fazenda cujo dono, homem bom, ela conhecia, ele insiste em que ela o acompanhe. Ela ainda vacila um pouco: “- Mas, Meu-Mocinho, uma velha não se carrega. Estou em fecho de meus dias... Que é que você vai fazer com uma velhinha às costas?” Lélío replica: “- Mãe, vamos juntos. Se não, eu sei, eu tenho a sorte tristonha”. E a Velhinha, que é toda coragem e amor, se decide: “Pois vamos, Meu-Mocinho!” (p. 245).

E partem, quando ainda é noite. Dona Rosalina, com um “vestido verde-escuro, chapéu da mesma cor, com a grande pluma de pássaro e o chicotinho de tala de cabo de prata” - verdadeira figura de conto da carochinha - graceja:

“Parece até que ainda estou fugindo com namorado, Meu-Mocinho [...] Olharam para trás: um começo de claridade ameaçava, no nascente; beira da lagoa, falta-

va nada para as saracuras cantarem. Olharam para trás: o sol surgia [...] Os passarinhos refinavam. Com esses mil gritos, as maitacas, as araras, os papagaios se cruzavam. Zulzul, o céu vivia, azo que pulsava [...] Lélío governava os horizontes - 'Mãe Lina...' - Lina?! - ela respondeu, toda ela sorria. Iam os Gerais - os campos altos. E se olharam, era como se estivessem se abraçando" (p. 245-6).

Termina a linda estória, deixando no leitor a sensação de que a Mãe Lina - ou a fada Rosalina - está levando seu Mocinho para o encontro daquela que ele mal conhecera, mas que ficara como uma neblina em sua lembrança.

Se nos contos breves que inicialmente referimos, só aparecem os eventos extraordinários do final feliz, ficando implícita ou sendo omitida a figura da fada protetora, sentida como destino, em "A estória de Lélío e Lina", a fada é uma personagem viva, atuante, verdadeiramente maravilhosa. Tem um poder de comunicação insuperável: olhar, gestos, voz, palavras, tudo nela tem força expressiva irresistível. É uma figura tão amável, que só pode mesmo ser qualificada como uma fada.

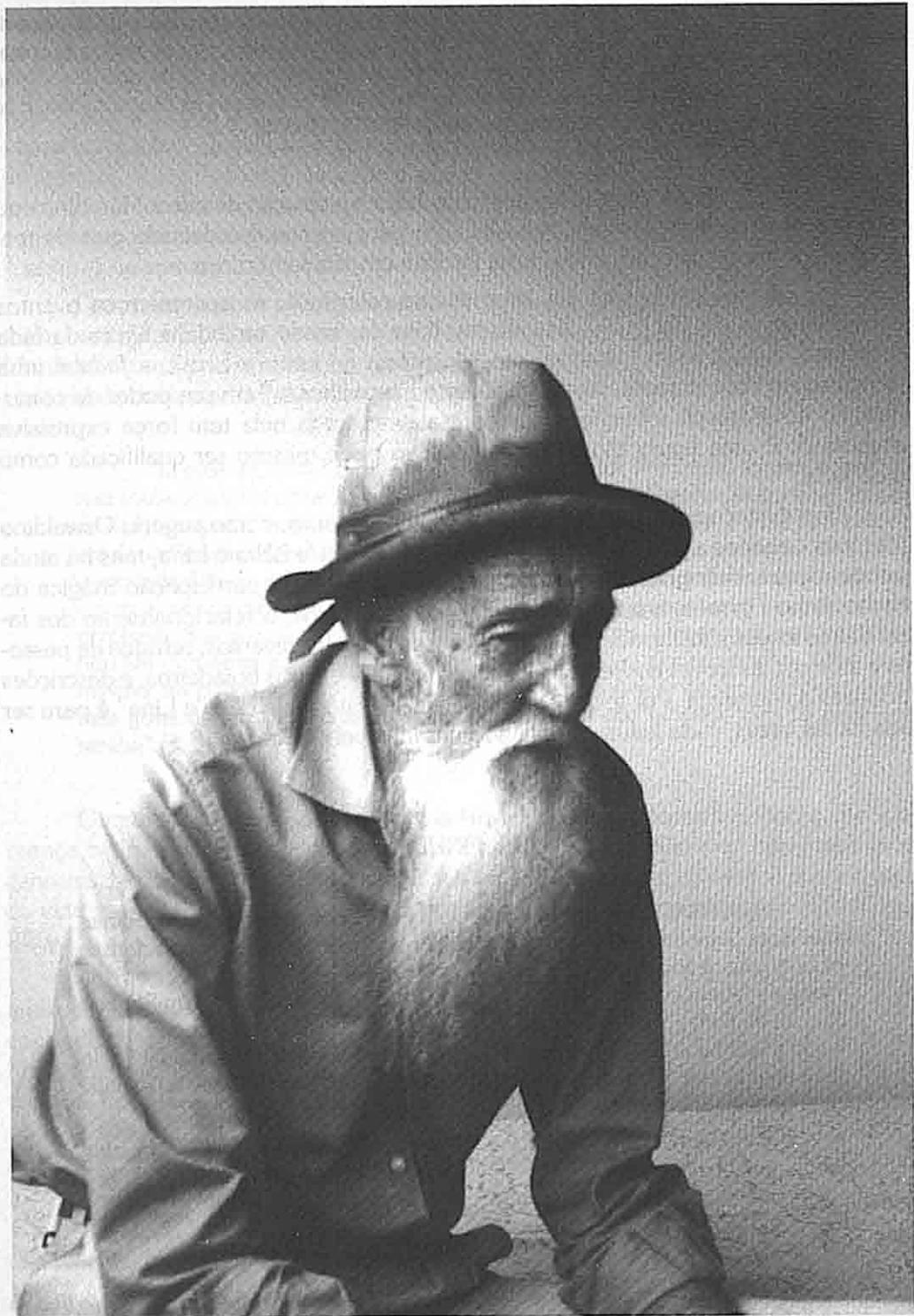
Foi destacada do romance-poema - ou *prosoema*, como sugeriu Oswaldino Marques - apenas a parte referente à lírica relação entre Lélío e Lina, mas há ainda outros aspectos de grande importância e beleza, como a participação mágica do cachorrinho Formôs, a solidariedade entre os vaqueiros, o relacionamento dos fazendeiros e seus subalternos, as estórias de personagens diversos, retratos de pessoas e animais, as trovas do Pernambuco, cenas do trabalho dos boiadeiros, e descrições poéticas da natureza. Por todos esses valores, "A estória de Lélío e Lina" é para ser lida várias vezes, cada leitura renovando um inefável deleite<sup>7</sup>.

## ROSALINA, PINHÉM'S FAIRY

**ABSTRACT:** This article deals with the lyricism in the work of Guimarães Rosa, here involved with the idealization and sentimentalism characteristic of fairy tales. It focuses particularly on the character "dona Rosalina", from the romance "A estória de Lélío e Lina", in the book *No Urubuquaquá, no Pinhém* (Corpo de Baile). This elderly lady has got rare qualities, and her speeches are full of poetry and wisdom. Her relationship with a young countryman who, in their first contact, is attracted by her uncommon powers, is shown as a beautiful case of deep affection between an old lady and a young man.

**KEYWORDS:** Lyricism, love and friendship, old age and youth, rural life, nature.

7. As citações no texto foram extraídas das seguintes edições publicadas pela José Olympio (Rio de Janeiro): *Grande sertão: veredas*, 4 ed., 1965 (GSV); *Manuelzão e Miguilim*, 5 ed., 1962 (MM); *No Urubuquaquá, no Pinhém*. 6 ed., 1978 (UP); *Primeiras estórias*, 3 ed., 1967 (PE); *Tutaméia. Terceiras estórias*, 5 ed., 1979 (T).



Manuel Nardy (Manuelzão), 1993.  
Foto: Cleuza Martins de Carvalho.